

A EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE: CONHECIMENTO, CONSCIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ana Karolína Silva
Marceley Lopes de Oliveira
Carlos Lucena
Carlos Magno dos Santos

Introdução

A epistemologia da educação, enquanto campo de estudo, busca compreender os processos complexos pelos quais o conhecimento é gerado, transmitido e recepcionado nas práticas pedagógicas. Ela examina como as diferentes formas de saber são construídas e legitimadas, levando em consideração as múltiplas fontes de conhecimento que influenciam a formação dos indivíduos. No entanto, em um contexto de uma sociedade profundamente marcada por desigualdades e injustiças sociais, a epistemologia da educação não pode ser dissociada de uma reflexão crítica sobre o papel da educação na formação de sujeitos autônomos e transformadores. A educação, enquanto prática social, não deve se restringir à simples transmissão de conteúdos, mas deve ser vista como um processo dinâmico e emancipatório, que possibilite aos indivíduos o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre sua realidade e a capacidade de questioná-la e transformá-la.

Nesse sentido, é fundamental que a epistemologia da educação também se preocupe em analisar como as estruturas de poder e as desigualdades sociais influenciam os saberes, as práticas pedagógicas e os próprios processos de ensino-aprendizagem, propondo alternativas que visem a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Quanto a Epistemologia da Educação, Paulo Freire, um dos maiores pensadores da educação crítica, oferece uma abordagem epistemológica que dialoga profundamente com as necessidades de uma educação que vai além da simples transmissão de saberes, propondo uma pedagogia que fomenta a conscientização e a ação transformadora dos indivíduos.

Em sua obra, Freire destaca a importância de uma educação dialógica, em que educadores e educandos estão envolvidos em um processo colaborativo de troca de saberes, que respeita e valoriza as experiências e a cultura dos alunos.

Para o autor, o conhecimento não é algo que deve ser imposto de cima para baixo, mas é construído de forma coletiva, a partir da reflexão crítica sobre a realidade social e histórica em que os sujeitos estão inseridos. Propondo que a educação seja um espaço de libertação, no qual os indivíduos se tornem conscientes de suas condições

de vida e possam, a partir dessa conscientização, se engajar na transformação da sociedade. Nesse processo, o educador não é visto como um detentor do saber, mas como um facilitador que ajuda os educandos a construir seu próprio conhecimento e a desenvolverem uma postura crítica frente às desigualdades e injustiças sociais.

E para que esta transformação ocorra é necessária uma tomada de consciência do sujeito pensante quanto sua condição frente a sociedade posta e institucionalizada; devidamente descrita por Freire no trecho a seguir:

Não basta saber-se numa relação dialética com o opressor – seu contrário antagônico – descobrindo, por exemplo, que sem eles o opressor não existiria, (Hegel) para estarem de fato libertados. É preciso, enfatizemos, que se entreguem à práxis libertadora. (Freire, 1987, p. 19).

Freire (1987, p.19-45) enfatiza que o oprimido precisa ir além da conscientização sobre sua situação (que é uma condição necessária, mas não suficiente). A verdadeira libertação só ocorre quando os oprimidos se entregam à *práxis libertadora*. A práxis, para ele, é a ação transformadora que se dá a partir da reflexão crítica e da intervenção ativa na realidade social.

Inicialmente quero dizer que, ao lado da conscientização, a mudança é um “tema gerador” da prática teórica de Paulo Freire. Como o tema da consciência, o tema da mudança acompanha todas as suas obras. A mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais e o papel da educação — da conscientização — nesse processo de mudança são as preocupações básicas da pedagogia de Paulo Freire. (Gadotti, 2013, p. 6)

Gadotti (2013, p.6) reforça que tanto a conscientização quanto a mudança são elementos essenciais e inseparáveis na pedagogia de Paulo Freire. Ambos os conceitos estão profundamente interligados, pois a conscientização é o processo que possibilita a mudança, e a mudança é o objetivo final da conscientização. A educação tem um papel central nesse processo, e deve ser vista como uma ferramenta de transformação social. Portanto, o pensamento de Freire desafia a visão tradicional da educação como simples transmissão de conhecimento e coloca a educação como uma prática que visa a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

A conscientização, ou o "descobrir-se" numa relação dialética com o opressor, é um primeiro passo, onde o segundo passo é a ação – a transformação real das condições de opressão.

A práxis libertadora, no contexto freiriano, se baseia na educação como um meio de capacitar os oprimidos a se tornarem sujeitos ativos de sua própria libertação. Freire rejeita a educação tradicional, que vê o aluno como um recipiente passivo de conhecimento, e propõe uma educação que seja participativa e crítica, que envolva o

oprimido na construção de seu próprio conhecimento e na ação coletiva para transformar sua realidade.

A partir de sua concepção crítica da educação, Freire (1987, p.45) defende que o conhecimento deve ser compreendido como um processo dialógico, que favorece a emancipação do sujeito e a superação das desigualdades estruturais. Este estudo explora como a epistemologia freiriana contribui para a formação de uma educação crítica e libertadora, visando à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Deste modo, este artigo objetiva examinar a epistemologia educacional freiriana, destacando sua compreensão do conhecimento, da conscientização (ou "consciência crítica") e da dialética entre professor e aluno como um processo de construção coletiva.

Ao fazer isso, Freire propõe uma visão de educação que vai além da mera transmissão de conteúdo, defendendo a formação de sujeitos capazes de refletir sobre sua realidade e atuar para transformá-la.

A Epistemologia Crítica de Paulo Freire

Paulo Freire (1921-1997) é reconhecido como um dos mais influentes pensadores da educação no século XX. Sua pedagogia humanista e dialógica teve um impacto profundo nas práticas educacionais, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Em sua obra mais conhecida, *Pedagogia do Oprimido* (1970), o autor defende uma educação que vai além do aspecto técnico e utilitário, sendo um ato político e ético, voltado à formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na transformação social.

A epistemologia de Paulo Freire baseia-se na concepção de que o conhecimento não é algo que simplesmente se transmite de um sujeito detentor da sabedoria para um sujeito passivo que recebe esse saber. Ao contrário, ele propõe uma abordagem dialógica e participativa, em que o conhecimento é visto como um produto da interação entre o sujeito e o mundo, em um processo constante de reflexão e ação.

Assim para Freire, a epistemologia implica em uma visão de educação em que o processo de ensino-aprendizagem ocorre de maneira dialética. O professor e o aluno não são mais vistos como sujeitos com papéis fixos, mas como coautores do processo educativo. O professor, enquanto facilitador do conhecimento, deve estar disposto a aprender com seus alunos, reconhecendo-os como detentores de saberes originados de suas experiências e vivências cotidianas.

Consequentemente, “no modelo freiriano”, o educador não é mais um transmissor de conhecimentos, mas um facilitador da aprendizagem. Seu papel é o de provocar a reflexão e o questionamento nos alunos, para que estes se tornem sujeitos de seu próprio processo de conhecimento e transformação social.

Esse processo, segundo o autor, é essencial para a construção de uma consciência crítica, capaz de compreender e transformar a realidade.

Assim, para ele, a educação é antes de tudo um processo de libertação e humanização, que se constrói por meio do diálogo entre educador e educando. Ele propõe que a relação pedagógica seja baseada na confiança, no respeito mútuo e na valorização da subjetividade de cada indivíduo. A afetividade ocupa um papel central nesse processo, pois é por meio dela que se criam vínculos de empatia e solidariedade no ambiente educativo.

Freire enfatiza que: "Ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo para que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de compreender e comunicar o que compreendeu" (Freire, 1996, p. 134-135). Ao escutar atentamente o educando, o educador aprende a dialogar e a compreender suas necessidades e limitações.

Ao adotar uma postura de escuta ativa, o educador reconhece o saber do aluno e, juntos, constroem um conhecimento que é capaz de transformar a realidade. Essa escuta ativa e o respeito pelas vivências dos alunos são elementos fundamentais em sua proposta pedagógica. Ao reconhecer o contexto social e cultural dos estudantes, o educador pode tornar o ensino mais pertinente e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência política dos educandos.

Freire revolucionou a compreensão e a prática da educação, especialmente em contextos de desigualdade e exclusão social. Ele contrapõe sua proposta de educação dialógica ao modelo tradicional de "educação bancária", no qual o conhecimento é simplesmente depositado pelo professor no aluno. Para ele, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para a sua produção ou construção" (Freire, 1996, p. 25).

Embora muitas vezes associado a um "método", Freire rejeitava essa simplificação, defendendo uma abordagem epistemológica que integra teoria e prática. No cerne de sua metodologia está a práxis, entendida como a interação transformadora entre reflexão e ação.

O educador, assim, não se limita a transmitir conteúdos prontos, mas promove um ambiente onde os alunos são convidados a refletir criticamente sobre sua realidade e a agir para transformá-la. Em suas palavras: "Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos se tornam sujeitos reais na construção e reconstrução do saber, ao lado do educador, que também é sujeito do processo" (Freire, 1996, p. 13).

Ele ainda afirma: "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (Freire, 2000, p. 67). Essas reflexões centrais da pedagogia de Freire revelam a ideia de que a educação não pode ser vista como uma simples transmissão de saberes do educador para o educando. Em vez disso, o conhecimento deve ser construído de forma colaborativa, com o educador também participando ativamente do processo de aprendizagem. A verdadeira educação acontece quando o educador e o educando trocam saberes e experiências, desenvolvendo um conhecimento significativo para ambos.

Isto posto, o autor defende que a educação deve ser acessível e inclusiva, funcionando como uma ferramenta de justiça social. Sua pedagogia valoriza a

experiência e a cultura dos educandos, utilizando situações cotidianas para contextualizar o aprendizado. Essa abordagem não só impulsionou a alfabetização de adultos em diversas partes do mundo, mas também inspirou movimentos por uma educação democrática e transformadora. Como ele afirmava: "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (Freire, 2000, p. 67).

O Conhecimento como Prática Social e Conscientização

Em suas obras, Freire critica a concepção tradicional de educação que entende o conhecimento como algo pronto, acabado e imutável, que deve ser simplesmente transferido do professor para o aluno. Para ele, essa abordagem autoritária reforça as relações de poder e perpetua a desigualdade. Em vez disso, ele defende uma visão de educação em que o conhecimento é uma prática social, construída coletivamente, a partir da interação entre os sujeitos, suas vivências e o contexto social em que estão inseridos.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer "bancária" ou de pregar no deserto. (Freire, 1987, p. 49).

Por conseguinte, Freire (1987, p.49) destaca que o papel do educador não é impor sua visão de mundo as pessoas, mas dialogar com elas, considerando tanto a visão de mundo previamente adquirida socialmente quanto a sua própria. A ação educativa e política deve partir do conhecimento crítico da realidade vivida pelas pessoas, pois, caso contrário, corre o risco de se tornar desinteressante ou ineficaz.

Freire também se opõe à educação autoritária e hierárquica, propondo um modelo de diálogo horizontal, onde o professor atua como mediador do desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas dos alunos. Esse modelo rompe com a lógica da educação bancária, que reforça a passividade dos educandos e perpetua estruturas opressivas.

Como ele destaca: "Na concepção bancária, a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, o que reflete e perpetua uma sociedade opressora" (Freire, 2005, p. 67).

Paulo Freire, em sua obra de 1987, enfatiza a centralidade do diálogo na educação e na política, destacando a importância de reconhecer e respeitar a visão de mundo dos indivíduos em vez de impô-la. Ele critica o modelo tradicional de educação "bancária", que trata os alunos como recipientes passivos a serem preenchidos com informações, sem considerar sua realidade e conhecimentos prévios. Propondo que a educação deve ser um processo de troca mútua, onde educadores e educandos compartilham experiências e saberes, estabelecendo uma relação de respeito e

compreensão. Ele afirma que a visão de mundo de cada pessoa, refletida em suas ações cotidianas, é crucial para a construção de uma educação transformadora e emancipadora.

Ao sublinhar a necessidade de um conhecimento crítico da situação das pessoas, Freire sugere que a ação educativa e política só será eficaz se estiver enraizada na realidade concreta dos indivíduos, levando em conta suas experiências e necessidades. Ele alerta que, sem esse reconhecimento e disposição para aprender com o povo, a educação corre o risco de ser irrelevante e ineficaz, algo comparável a "pregar no deserto".

Freire nos convida a ver o educador não como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um facilitador de um processo colaborativo de construção de saberes, que considera as experiências e a realidade social dos indivíduos.

Saviani (2003), quase que na mesma medida, aborda a educação de forma abrangente, destacando sua função como um processo de formação da humanidade nos indivíduos, uma tarefa que é tanto histórica quanto coletiva. Ao afirmar que "a educação é o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens", Saviani enfatiza que o processo educativo não deve ser visto apenas como a transmissão de conteúdos, mas como uma construção contínua, que se dá em um contexto social e histórico.

Portanto, a educação envolve mais do que o simples aprendizado de fatos e habilidades. Ela deve levar em consideração o histórico de aquisição de conhecimentos, a cultura, os valores e as práticas coletivas que moldam cada indivíduo. Isso implica que a educação deve ser pensada como um processo dinâmico e evolutivo, onde as crianças, ao interagir com os saberes transmitidos pelas gerações anteriores, vão se desenvolvendo como sujeitos críticos, conscientes e inseridos em seu tempo e espaço.

Assim, para Saviani, a educação tem um papel crucial em ajudar a criança a compreender sua identidade, seu papel na sociedade e a evoluir com o resto da humanidade, refletindo as condições e transformações históricas e coletivas que permeiam o processo de ensino-aprendizagem.

Esse entendimento de conhecimento se alinha à concepção de Freire sobre a educação como um ato de liberação, que permite aos indivíduos compreenderem as estruturas de opressão que os cercam e atuarem para transformá-las. O saber, assim, é produzido não de forma isolada, mas na relação dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Outro conceito-chave em sua obra freiriana é o de conscientização, que se refere ao processo de despertar uma consciência crítica sobre a realidade e as estruturas de poder. Para Freire, a educação deve ser um instrumento para essa transformação, permitindo que os indivíduos questionem e atuem para modificar suas condições de vida.

No cerne da epistemologia freiriana está o conceito de "conscientização", que é um processo de tomada de consciência das condições sociais, políticas e econômicas que moldam a vida dos indivíduos. Freire descreve a conscientização como a capacidade de perceber a realidade de forma crítica, identificando as relações de poder e as formas de opressão que permeiam a sociedade.

A conscientização não é, portanto, um ato meramente cognitivo, mas envolve a dimensão prática da ação transformadora. Para Freire, a educação deve ser um espaço de problematização, onde o aluno não é apenas um receptor passivo de informações, mas um sujeito ativo que questiona, reflete e propõe soluções para os problemas que afetam sua vida e sua comunidade.

Esse conceito de conscientização está diretamente relacionado à sua "pedagogia do oprimido", que propõe uma educação voltada para a libertação dos indivíduos da opressão, seja ela econômica, social ou política. Nesse processo, o professor e o aluno estabelecem uma relação de diálogo, onde ambos são sujeitos ativos da aprendizagem e da construção do conhecimento.

Implicações da Epistemologia de Freire para a Educação Contemporânea

O objetivo da educação, segundo Freire, é formar uma consciência crítica nos alunos, permitindo-lhes perceber a realidade e agir sobre ela. Para isso, é necessário que os alunos se apropriem dos conteúdos não como simples informações, mas como instrumentos de reflexão e ação. O conhecimento deve ser problematizado, questionado e relacionado com a realidade social do aluno, de modo que ele possa compreender suas próprias condições de vida e as formas de superá-las.

A epistemologia da educação de Paulo Freire tem profundas implicações para a prática pedagógica, especialmente em contextos de desigualdade social. A visão crítica e dialógica que Freire propõe não se limita à sala de aula, mas se estende ao papel da educação na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Na contemporaneidade, com os desafios impostos pela globalização, as tecnologias da informação e a crescente diversidade cultural, a educação freiriana continua sendo uma importante referência para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a transformação social. O processo de conscientização e a educação libertadora são mais necessários do que nunca, diante das questões de desigualdade, discriminação e exclusão social.

Paulo Freire (2013, p. 98), ao refletir sobre a relação entre educação e liberdade, destaca que a educação voltada para a libertação se opõe àquela que visa ao domínio. Ele rejeita a ideia de um ser humano abstrato, isolado e distante do mundo, assim como nega a concepção de um mundo desconectado dos indivíduos. Para Freire, a educação deve ser um processo de transformação, voltado para a liberdade e emancipação, e não para a submissão e controle.

A proposta pedagógica de Paulo Freire não se restringe a um conjunto de métodos ou técnicas, mas é, acima de tudo, uma filosofia de vida que orienta todas as dimensões da prática educativa. Ele nos ensina que a educação não pode ser uma prática mecânica ou impessoal, mas uma vivência relacional e emocional, que integra afeto e amorosidade, fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem. A partir dessa perspectiva, a educação não só transmite conhecimento, mas também capacita os sujeitos a agir politicamente e socialmente, tornando-os agentes de transformação.

A educação transformadora, para Freire, busca a emancipação do ser humano, libertando-o das opressões e da alienação. O afeto e a amorosidade são essenciais nesse processo, pois criam um ambiente no qual as relações de poder podem ser questionadas e reconfiguradas, permitindo o surgimento de uma educação mais justa, igualitária e solidária. Essas práticas humanas são, portanto, a base para uma educação que vai além da simples instrução técnica, abraçando a dimensão ética e política da formação do indivíduo.

Nessa concepção, o educador tem o papel de provocar os alunos, incentivando-os a se reconhecerem como sujeitos históricos, sociais e culturais. Eles não são apenas indivíduos passivos, mas seres com suas próprias histórias, experiências e direitos, capazes de contribuir ativamente na construção do saber.

Sob essa ótica, o aluno deixa de ser visto como um mero recipiente a ser preenchido e passa a ser reconhecido como protagonista de sua própria aprendizagem. O processo educativo se transforma em uma troca constante, em que o educando participa ativamente, questionando e contribuindo para o saber. Nesse contexto, a dignidade e a autonomia do educando são elementos essenciais para uma educação emancipadora.

Reconhecer a dignidade do aluno significa tratá-lo como um ser humano pleno, com direitos, opiniões e saberes prévios, e como alguém capaz de transformar sua realidade. A autonomia está intimamente ligada ao empoderamento do educando, permitindo-lhe tornar-se autor de sua própria história e conhecimento.

A natureza humana não é dada ao homem mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. (Saviani, 2003, p.25)

Segundo Saviani (2003, p.66), “O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar aquilo que os dominantes dominam é condição de libertação”. A citação de Saviani (2003) aborda um conceito fundamental na pedagogia crítica e na teoria social, que é a relação entre dominação e libertação. Para ele, a educação desempenha um papel essencial na mudança das relações sociais, especialmente ao se considerar a dinâmica entre os grupos dominantes e os dominados.

Quando Saviani afirma que “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam”, ele quer dizer que a liberdade dos oprimidos não acontece de maneira passiva ou simbólica, mas através da conquista e compreensão dos conhecimentos, práticas e ferramentas que são controladas pelos grupos dominantes.

Em termos mais simples, para que os dominados se libertem, precisam se tornar capazes de entender, dominar e transformar os mesmos recursos e formas de poder que os dominantes usam para manter as relações de opressão. Isso não envolve apenas o conhecimento técnico ou acadêmico, mas também as maneiras de pensar, as formas de organização social e as práticas políticas, que frequentemente são monopolizadas pelas classes dominantes.

Saviani defende que a educação deve ser um meio para os oprimidos conquistarem esse domínio, permitindo que, ao se apropriarem das ferramentas que estruturam a sociedade, possam mudar as relações de poder e alcançar sua liberdade.

Esse processo de "dominar o que os dominantes dominam" é, portanto, uma condição essencial para que os dominados se libertem, pois lhes permite agir com mais autonomia e poder, quebrando as estruturas de opressão.

Este posicionamento de Saviani de uma pedagogia histórico-crítica, em contraposição à lógica crítico-reprodutivista e fiel ao materialismo histórico e dialético presente em Marx, sintoniza de algum modo com a pedagogia de Paulo Freire e outros pensadores críticos, que defendem que a educação não deve ser uma mera repetição do saber dominante, mas um espaço de empoderamento, consciência crítica e transformação social. A educação, assim, deve capacitar os oprimidos para que, ao entenderem as regras e estruturas da sociedade, possam alterá-las e superá-las. Mas isto fica para um futuro artigo a propormos a escrever quanto as concepções marxistas da pedagogia histórico-crítica.

Sobre isto e sobretudo quanto ao papel da escola neste contexto, pensamento de Libâneo (2006) propõe quatro objetivos fundamentais para a escola atual, interligados e complementares. Primeiro, destaca a importância de preparar os alunos para o mundo do trabalho, investindo em uma formação geral que inclua conhecimentos, habilidades técnicas e competências para lidar com uma sociedade tecno-científica e informacional.

O segundo objetivo é o desenvolvimento das capacidades cognitivas, enfatizando o pensamento autônomo, crítico e criativo dos alunos. O terceiro objetivo é a formação para a cidadania crítica e participativa, com a criação de espaços para que os alunos pratiquem democracia, liderança e responsabilidade.

Por fim, Libâneo defende a formação ética, focando na educação moral como um processo contínuo de reflexão e prática sobre valores, como justiça e solidariedade, dentro e fora da sala de aula. Em síntese, o autor propõe uma escola que capacite os alunos tanto para o mercado de trabalho quanto para uma atuação cidadã responsável e ética na sociedade.

A educação, portanto, deve ser libertadora, ajudando o educando a se tornar consciente de seu papel no mundo e de sua capacidade de agir sobre ele. Esse processo de conscientização envolve a superação de práticas educacionais mecanicistas e descontextualizadas, que ainda persistem em muitas instituições. Essas práticas reduzem a educação a um simples ato de transmissão de informações, sem considerar as dimensões sociais, culturais e históricas dos alunos.

A Educação Equitativa: Justiça e Desafios

Está no mundo, para nós, mulheres e homens, significa estar com ele e com os outros, agindo, falando, pensando, refletindo, meditando, buscando, entendendo, comunicando o entendido, sonhando e referindo-se sempre a um amanhã, comparando, valorando, decidindo, transgredindo princípios, encarnando-os, rompendo, optando, criando ou fechados às crenças. (Freire, 2000, p. 125)

A experiência de viver e se posicionar no mundo é muito mais do que uma simples adesão a uma ideologia; ela é um processo dinâmico que envolve uma participação ativa na vida. Esse processo abrange uma ampla gama de ações humanas, como agir, pensar, refletir, comunicar, sonhar, decidir e até desafiar normas e estruturas estabelecidas. Dessa forma, a experiência humana não se limita a um comportamento passivo ou conformista, mas é, de fato, um contínuo movimento de transformação, interação e reflexão crítica.

A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre o outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais. O que a humildade não pode exigir de mim é a minha submissão à arrogância e ao destempero de quem me desrespeita. O que a humildade exige de mim, quando não posso reagir à altura da afronta, é enfrentá-la com dignidade. A dignidade do meu silêncio e do meu olhar que transmitem o meu protesto possível.” (Freire, 1996, p. 46)

Com isso, a educação equitativa busca garantir que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades de aprendizado, sem distinções relacionadas à sua origem social, econômica, étnica ou cultural. Ela se opõe ao modelo meritocrático, que frequentemente exclui os mais vulneráveis e marginalizados, perpetuando as desigualdades históricas. Para Freire, a equidade não diz respeito apenas à distribuição de recursos e oportunidades, mas também ao reconhecimento das necessidades e singularidades de cada indivíduo, respeitando suas histórias, culturas e identidades.

Além disso, a concepção de educação equitativa de Freire está intimamente ligada à ideia de uma educação capaz de promover transformações sociais e o engajamento político. Para ele, "a educação é, por sua natureza, um ato político, que tanto reflete quanto molda as dinâmicas de poder na sociedade" (Freire, 1996, p. 38). Assim, a educação equitativa não se limita a garantir acesso igualitário ao ensino, mas busca garantir que os alunos se tornem sujeitos ativos em seu processo de aprendizagem e na transformação da sociedade.

A educação, enquanto fator de equalização social será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais. Portanto, a educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica. (Saviani, 1983, p. 9).

Saviani (1983, p.9), sobre este se posicionar no mundo e romper com as amarras da marginalidade imposta, argumenta que a educação pode e dever ser um fator de equalização social, ou seja, um meio de corrigir as desigualdades e marginalidades presentes nas estruturas sociais. A educação, segundo Saviani, deve ter a função de ajustar os indivíduos à sociedade, adaptando-os aos valores, normas e práticas sociais, ao mesmo tempo em que contribui para a aceitação mútua entre as pessoas, independentemente das diferenças.

A proposta de Saviani está em consonância com uma visão inclusiva e igualitária da educação, que considera a diversidade humana como algo a ser reconhecido e respeitado, ao invés de algo a ser suprimido ou ignorado. Assim, a educação não deve apenas "ajustar" os indivíduos ao sistema existente, mas também garantir um ambiente de respeito e valorização das diferenças, para que as pessoas possam conviver de forma harmônica, apesar de suas diversas características.

Portanto, segundo Saviani, a educação tem um papel crucial na construção de uma sociedade justa, onde todos, independentemente de suas diferenças, se aceitem e se respeitem, e onde a marginalidade social seja corrigida através da integração e do reconhecimento da dignidade de cada indivíduo.

Em um mundo ainda marcado por profundas desigualdades, a educação deve ser vista como uma ferramenta essencial para a construção de uma sociedade mais justa, onde todos, independentemente de sua origem, possam alcançar seu pleno potencial e participar ativamente nos campos político, econômico e cultural. Nesse processo, os educadores têm um papel crucial como agentes de mudança, estimulando a conscientização, a reflexão crítica e a ação para transformar a realidade.

Deste modo, a educação equitativa exige uma abordagem pedagógica que leve em conta as desigualdades estruturais e que seja capaz de promover a inclusão de todos

os alunos. Freire reconhece que o ato educativo deve estar plenamente consciente da realidade social e política dos educandos, com o objetivo de transformar essa realidade.

Para que essa transformação seja efetiva, é necessário que ela seja acompanhada pela promoção do afeto e da amorosidade, criando um ambiente de acolhimento, escuta e valorização das diversidades.

Considerações Finais

A epistemologia da educação proposta por Paulo Freire representa uma abordagem inovadora e profundamente crítica sobre o papel do conhecimento no processo educacional. Ao defender uma educação dialógica, centrada na conscientização e na transformação social, Freire oferece um caminho para a construção de um saber que não é apenas instrumental, mas também ético e político.

O processo educativo, para Freire, é um ato de libertação, no qual o conhecimento é uma ferramenta para a transformação da realidade e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao incorporar a crítica social, a participação ativa dos sujeitos e o diálogo entre educador e educando, Freire proporciona uma epistemologia que vai além das fronteiras da escola, tornando a educação um instrumento potente para a transformação social e a emancipação dos indivíduos.

[...] é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica. (Freire, 1996, p. 11).

A “situação gnoseológica”, para Freire, refere-se ao processo dinâmico e interativo de construção do conhecimento, no qual os sujeitos se reconhecem mutuamente e colaboram para a produção de saberes. A educação não pode ser vista como um ato unilateral de transmissão de conhecimento, mas como um processo coletivo e dialógico.

É nesse contexto de troca e reflexão que o conhecimento se torna significativo e transformador, pois é construído a partir da interação entre todos os envolvidos no processo educativo.

A ideologia freireana coloca a relação entre estudante e professor como um processo baseado na amorosidade e no diálogo aberto, elementos centrais para a construção de um aprendizado verdadeiramente transformador. Paulo Freire propõe uma educação que vai além da simples transmissão de conhecimento, estimulando uma troca mútua de saberes, onde cada sujeito é visto como alguém portador de conhecimentos valiosos, oriundos de sua vivência, de sua cultura e de seu contexto social.

Essa relação se caracteriza pela empatia, onde a compreensão mútua, o respeito e o afeto são fundamentais para que ambos, professor e estudante, se reconheçam como sujeitos ativos no processo educativo. O professor não é mais visto como um transmissor de conteúdos, mas como um mediador do saber, que reconhece e valoriza as experiências e subjetividades dos alunos.

A troca de saberes ocorre em um espaço de reflexão crítica, onde cada indivíduo compartilha sua visão de mundo e aprende com as experiências dos outros, contribuindo para a formação de uma identidade coletiva. Esse processo reforça os laços afetivos e promove uma educação mais humanizada, pautada pela solidariedade e pela transformação social. Dessa forma, a educação, para Freire, é um ato de amor e de compromisso com a liberdade e a igualdade.

Compendiando, pode-se ponderar que a epistemologia educacional proposta por Paulo Freire constitui uma abordagem disruptiva que ultrapassa a concepção tradicional do conhecimento como um fenômeno unilateral, no qual um sujeito (o educador) transmite informações a outro (o educando).

Em sua obra, Freire faz uma crítica contundente ao modelo de educação bancária, no qual o estudante é tratado como um mero recipiente passivo de saberes, e propõe, em contrapartida, uma pedagogia dialógica, fundamentada em um processo contínuo de troca entre educadores e educandos. Este modelo participativo e interativo de construção do conhecimento redefine a relação pedagógica, transformando-a em um veículo de conscientização e emancipação.

Visto que, para Freire, a educação deve ser concebida como um processo que possibilite aos indivíduos reconhecerem e problematizarem as estruturas sociais, políticas e econômicas que estruturam a sua realidade. O conceito de conscientização ocupa uma posição central em sua teoria, pois implica no desenvolvimento de uma análise crítica da realidade social, com a premissa de que o conhecimento deve ser orientado para a transformação das condições de vida. Nesse sentido, a educação não se limita ao desenvolvimento de habilidades ou ao acúmulo de informações, mas se configura como um processo libertador, capaz de fomentar uma transformação social profunda.

Além disso, Freire sustenta que o conhecimento não é isento de valor. Ele está sempre impregnado de elementos contextuais, históricos e sociais. Assim, a educação, em sua perspectiva, também se configura como uma prática ética e política. O ato de ensinar deve ser orientado pela promoção da justiça social, da igualdade e da democracia.

Ao instigar os educandos a se tornarem protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem e a se engajarem como agentes transformadores da realidade, Freire propõe um modelo pedagógico voltado para a emancipação dos indivíduos, no qual a educação se apresenta como um meio de romper com as condições de opressão e desigualdade, vislumbrando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em síntese, a epistemologia educacional freiriana redefine a compreensão do saber e do processo pedagógico, posicionando o conhecimento como um instrumento

de emancipação, transformação social e construção coletiva, imerso em um compromisso ético e político.

Referências

- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos, 2006, 21ª edição.
- LIBÂNEO, José Carlos. Ensinar e aprender, aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em didática. In: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Orgs.). **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021c.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021d.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021e.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021f.
- FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia Não**. - 30ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.
- SAVIANI, Demerval. Educação brasileira: problemas. In: SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 8. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. p. 120-132. (Col. Educação contemporânea).
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Col. Educação contemporânea).